

## Jornalismo, Mobilidades, Manipulação e Transmídiação

### Journalism, Mobilities, Manipulation and Transmedia El periodismo, la movilidad, la manipulación y Transmedia

ENTREVISTA | INTERVIEW | ENTREVISTA  
Eduardo Campos PELLANDA | PUCRS | Brasil

**E**ntrevista concedida à **Revista Latino-americana de Jornalismo - Âncora**, pelo pesquisador Doutor **Eduardo Campos Pellanda** da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS– Brasil. O professor Eduardo Campos Pellanda é JORNALISTA. Pós-Doutor em Comunicação pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT) - Boston – EUA (2013). Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2005). Integra o quadro docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Coordenador do Laboratório de pesquisa em mobilidade e convergência midiática (UBILAB). Desenvolve o projeto de pesquisa **Internet Móvel e ambientes de comunicação ubíquos**. É autor do livro **Locast Civic Media: Internet Móvel, cidadania e informação hiperlocal** (2010). Organizador dos livros: **Jornalismo e Mídias Móveis no contexto da Convergência (org.)** (2014) e **Ciberespaço: Um Hipertexto em parceria com Pierre Lévy** (2010). Dentre os capítulos de livro de sua autoria destacamos: **Jornalismo para Dispositivos móveis: produção, distribuição e consumo** (2015), **O tablet como tela transformadora para o rádio e o jornal** (2014) dentre outros. O nosso entrevistado é também autor de vários artigos que abarcam o jornalismo e a publicidade enfocando processos de convergência, redes sociais e o tema das mobilidades em tempos líquidos. Recortamos de sua produção acadêmica os seguintes artigos: **Prevenção Primordial e a “Saúde de Vestir”**: os Wearables na Cardiologia (2016) e **Protestos pela ótica do Google Glass: uma análise das potencialidades de amplificação da vigilância do cidadão** (2014). A entrevista foi conduzida pelos professores Fernando Firmino da Silva (Editor Convidado desta edição), Pedro Nunes (Editor Geral), e Joana Berlarmino (Editora Assistente) vinculados ao Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba.

ENTREVISTA



**Foto:** Fernanda BECKER

Coberturas Jornalísticas; Futuro do Jornalismo. **Keywords** | Mobile Journalism; Journalism Multiplatform; Journalism Transmedia; Journalism and Manipulation; Journalistic Covers; Journalism of the Future. **Palabras clave** | Periodismo Móvil; Periodismo Multiplataforma; Periodismo Transmedia; Periodismo y Manipulación; Cobertura Periodística; El futuro del periodismo.

ENTREVISTA REALIZADA EM 10 DE AGOSTO DE 2016  
APROVADA EM 25 DE AGOSTO DE 2016



Atualmente há um entrelaçamento entre jornalismo, mobilidade e transmídiações que convergem em termos de impacto sobre as práticas jornalísticas e a distribuição de conteúdos. **Como o senhor avalia essas mudanças na conjuntura com o olhar sobre o campo do jornalismo?**



**Eduardo Campos PELLANDA**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Brasil

Penso que o processo de convergência foi um efeito natural da digitalização da informação. Sendo tudo *bits*, não temos mais as fronteiras dos meios analógicos, tanto para as linguagens como pela forma de distribuição. Esse era o meu foco de estudo no começo dos anos 2000, pois me parecia o principal fenômeno que a internet promovia.

O desenvolvimento natural foi o da diversificação das “Janelas de acesso” a internet, como denomina Pierre Levy. A mobilidade trouxe um efeito parecido no conteúdo, como ocorreu com a história do rádio quando ganhou o trânsito e se tornou portátil.

Em 2016, temos então um contexto de convergência + mobilidade, o que resulta em um ambiente de comunicação Ubíqua. O jornalismo, então, ganha novas formas de consumo e produção a medida em que os hábitos também mudam.

---

**Em 2016, temos então um contexto de convergência + mobilidade, o que resulta em um ambiente de comunicação Ubíqua. O jornalismo, então, ganha novas formas de consumo e produção a medida em que os hábitos também mudam.**

**Eduardo Campos Pellanda**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

---



O senhor tem atuado em projetos junto ao Massachusetts Institute of Technology - MIT dos Estados Unidos (um dos principais centros mundiais de inovação), inclusive com pós-doutorados lá. **Que projetos atualmente desenvolvidos no MIT ou em outros centros internacionais de pesquisa, o senhor visualiza - em termos de potenciais - para uso no jornalismo quanto à inovação tecnológica e que possam ser aplicados também aos modelos de negócios das organizações jornalísticas?**



**Eduardo Campos PELLANDA**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Brasil

Trabalhamos com o Mobile Experience Lab do MIT. Este Lab nasceu do Design Lab e da Faculdade de Arquitetura. Hoje, ele está dentro do Comparative Media Studies, departamento fundado por Henry Jenkins e Wilian Uricchio.

O professor Federico Casalegno fundou o MIT (MEL) e desenvolve um trabalho de entendimento de conexões entre espaços físicos e virtuais. Em 2009, realizamos o nosso primeiro projeto, a plataforma Locast, onde usávamos o *smartphone* para várias interações com o ambiente geográfico. Depois, trabalhamos em Wearables com o *Google Glass* e hoje estamos trabalhando no entendimento dos cotidianos da Geração Millennials.

Também temos uma parceria para estudo de Werables e Drones com a Universidade de Lancastershire, no Reino Unido.

## ÂNCORA

Há uma crise mundial nos modelos de negócios do jornalismo. **Na sua concepção, qual o papel da universidade, e dos pesquisadores com seus projetos e laboratórios, no sentido de oferecer caminhos para o restabelecimento e fortalecimento do jornalismo? O senhor visualiza contribuições efetivas do campo que possam ser aplicadas ao jornalismo?**



**Eduardo Campos PELLANDA**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Brasil

Penso que, como comentamos anteriormente, mudamos linguagens e suportes do jornalismo, mas insistimos na transposição dos mesmos modelos de negócio. Me parece que neste momento a conexão do modelo de negócio com o jornalismo é mais latente do que antes. A minha orientanda de doutorado e professora da PUCRS, Ana Cecilia Bisso Nunes, está trabalhando exatamente neste tema. Sem dúvida, a universidade tem um papel fundamental para as buscas destas soluções.

## ÂNCORA

A mobilidade é central na compreensão do jornalismo atual com redes sociais móveis, aplicativos de interação e compartilhamento e, naturalmente, para as práticas jornalísticas a partir do uso de *smartphones* e *tablets*. **Como o senhor analisa o conceito e as práticas da mobilidade no jornalismo contemporâneo? Que desafios estão neste horizonte que possam consolidar novos formatos e linguagens e novas narrativas?**



**Eduardo Campos PELLANDA**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Brasil

Um dos principais pontos me parece que temos um ambiente midiático *always on*. Antes, tínhamos que convencer a audiência a adquirir ou sintonizar no nosso conteúdo. Hoje, este canal está aberto de forma permanente, mas há uma disputa enorme pela atenção. Outra questão é a rotina de consumo que acompanha o cotidiano do leitor, em um termo mais amplo de leitura. As pessoas se comunicam rapidamente e isso inviabilizou, por exemplo, o *Breaking News* como conhecíamos. A mobilidade amplifica e inaugura novas questões em relação aos nossos primeiros estudos sobre Jornalismo em ambientes digitais.

**ÂNCORA**

Suas pesquisas têm incluído drones, tecnologias vestíveis - como Google Glass -, relógios inteligentes, Realidade Virtual, ou seja, aspectos inovadores na relação entre tecnologia e jornalismo. **Qual destes aspectos o senhor considera relevante para se pensar o futuro do jornalismo?**



**Eduardo Campos PELLANDA**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Brasil

Em um primeiro momento, todos estes itens. Estamos tentando entender as tecnologias em conexão com várias disciplinas. A impressora 3D foi um bom exemplo disso. Quando adquirimos com uma verba de pesquisa não tínhamos um uso específico para ela, havia apenas hipótese. Começamos a testar de diversas formas, e hoje estamos envolvidos em um projeto de "Internet das Coisas" para um público de mais de 60 anos de idade, em que usamos 3D *print* para prototipagem, "coisas que comunicam". Acho que este é o objetivo de um Lab aplicado, testar e experimentar muito.

---

**Nunca tivemos tanto acesso a diferentes tipos de dados, e os jornalistas precisam ser mais especialistas neles para poder fazer cruzamentos para a sociedade.**

**Eduardo Campos Pellanda**  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

---

## ÂNCORA

### Como dimensionar o Jornalismo no contexto da “cultura das multitelas”?



**Eduardo Campos PELLANDA**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Brasil

Este é um outro tópico que estamos extremamente interessados. Começamos a esboçar uma classificação de telas menores, mais individuais, e telas maiores, mais sociais. Nos parece que a escolha de que conteúdo vai em que tela e a conexão entre elas, é algo ainda obscuro para as empresas de mídia.

## ÂNCORA

Ainda sobre tecnologias vestíveis, vemos agora o encurtamento drástico dos textos e a adição de uma linguagem sensivelmente mais leve e informal, típicos do Jornalismo de Relance ou Jornalismo de Notificação, presente nos relógios inteligentes. **Como essa mudança pode influenciar a produção da notícia, o perfil do profissional e as rotinas dentro das redações?**



**Eduardo Campos PELLANDA**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Brasil

Quando começamos a usar *Google Glass* e *Smartwatches* para entender notícias, percebemos que eles representam o primeiro contato do indivíduo com um fato. A notificação chega e ele vai repercutir em outras telas. Essa relação é nova e estamos estudando como podemos diversificar isso.

## ÂNCORA

Os mapas digitais e os sistemas de posicionamento de localização (GPS) permitem a aderência do lugar nas notícias. **Como o senhor vislumbra a geolocalização para a contextualização das notícias? Que possibilidades o jornalismo pode explorar, da geolocalização, em termos de jornalismo hiperlocal?**



**Eduardo Campos PELLANDA**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Brasil

Estamos há quase 10 anos do lançamento do primeiro *iPhone* e, por consequência, da popularização da mobilidade. Ainda não conseguimos produzir em larga escala um aplicativo que nos informe o que realmente está acontecendo perto de nós. O Waze, para um assunto específico, é o que talvez consiga reproduzir melhor este modelo. Mas, com certeza, veremos outros surgindo em um futuro breve.

## ÂNCORA

O Coletivo Mídia Ninja se autodefine enquanto Narrativas Independentes de Jornalismo e Ação, atuando de modo descentralizado principalmente com coberturas via *streaming*. Essa é uma iniciativa diferencial que opera com a força da liberdade de expressão e o potencial da rede com os seus fluxos, em ambientes multiplataforma. **Como contextualizar essa iniciativa inovadora no campo do “pós-jornalismo”, que também opera com a força das Mobilizações Inteligentes (Smart e Flash Mobs), em contraponto a um modelo de jornalismo que ainda sobrevive de forma tradicional, principalmente quanto ao modo vertical de produção e circulação da notícia?**



**Eduardo Campos PELLANDA**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Brasil

Howard Rheingold, em 2003, com seu livro *SmartMobs*, já apontava para esta potência. A mobilidade descentraliza em um potencial elevado ao quadrado em relação a uma rede tradicional. O que me espanta é ainda não termos mais exemplos como o da Mídia Ninja em 2016.

## ÂNCORA

Professor Pellanda, fugindo do conjunto das perguntas, gostaríamos que o senhor expressasse o seu posicionamento sobre o comportamento da Imprensa Brasileira, enquanto instrumento de poder e manipulação. Há honrosas exceções em que o jornalismo (segmentos da imprensa) não atua de forma sensacionalista e segue em busca da apuração dos fatos, checando os acontecimentos antes de ressignificá-los em forma de notícia. Alguns acontecimentos relevantes de nossa história brasileira, a exemplo do Golpe de 1964, mobilizações pelas “Diretas”, Processo de Impeachment da presidenta Dilma, revelam | revelaram mecanismos de manipulação por parte da “Grande Imprensa”. Há uma certa ‘histeria da imprensa’, conforme observou a professora *Raquel Paiva* em entrevista a **Revista ÂNCORA**. **Poderia discorrer sobre esse tema da manipulação, sensacionalismo e histerias da imprensa, no contexto das temporalidades líquidas?**



**Eduardo Campos PELLANDA**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Brasil

Vários autores nos ancoram para afirmar que mais informação não significa necessariamente mais comunicação. Até porque comunicação não se pode quantificar. Mas me parece que onde há mais entropia, há também mais possibilidade de trocas de informação. Nos episódios dos protestos no Brasil, em 2013, e no processo de *impeachment*, em 2016, todos puderam

ver diferentes ângulos. Mas a formação de opinião é um processo bem mais complexo do que imaginávamos. Se observarmos a audiência os principais canais de comunicação massiva, vemos um declínio significativo nos últimos anos. Não tenho nem um pouco de certeza do tamanho da influência que estes meios podem causar nas pessoas. De qualquer forma, como eles podem rapidamente ser desmentidos, há um cuidado absurdo para a comunicação em grande escala. Ainda estamos no princípio desta transformação.

## ÂNCORA

Os cenários da mobilidade e dos ambientes Multiplataforma desabaram, sobre os jornalistas, uma série de desafios. O principal deles é, talvez, compreender as audiências. O jornalista clássico escrevia para um leitor subjetivo, mas agora os leitores batem à porta dos jornais, reclamam, e até produzem e distribuem conteúdos. **Na sua opinião, nesses novos cenários ainda há espaço para o jornalismo contar boas histórias, e ainda cumprir aquele ideal clássico de fortalecimento das democracias?**



**Eduardo Campos PELLANDA**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Brasil

Sem dúvida, o jornalismo ainda é um *ombudsman* da sociedade. Me parece que as fórmulas e as linguagens para isso é que estão mudando. A transformação também acontece com o jornalismo vislumbrando outras possibilidades, além desta central. Nunca tivemos tanto acesso a diferentes tipos de dados, e os jornalistas precisam ser mais especialistas neles para poder fazer cruzamentos para a sociedade. Complexifica-se não só as relações das informações, mas também as técnicas de apuração e verificação das informações. Olhando para este cenário sou um otimista para a expansão do campo, mas entendo que a mudança de cultura, para a absorção destas novas técnicas, é ainda um longo caminho.

